

EDITORIAL*A pesquisa Qualitativa em Psicologia Clínica*

A Revista Pesquisa Qualitativa da Sociedade de Estudos e Pesquisas Qualitativas tem como vocação difundir e defender uma proposta de investigações em diferentes áreas de estudo que possa se realizar de um modo tal que se alcancem conclusões de cunho qualitativo. Essa proposta carrega em seu bojo uma questão que precisa ser esclarecida: "É possível chamar de pesquisa algo que se dá em uma ordem qualitativa?".

Aqueles que defendem que apenas o numérico pode alcançar o real se esqueceram do sentido mais originário de método. Vale lembrar que com o prefixo *metà*, contido na palavra método, se quer dizer de acordo com ou junto de e, com o sufixo *hodós* se quer dizer caminho. Assim, método em seu sentido original significa seguir um caminho junto ao próprio caminhar, ou seja, trata-se de um caminhar que se faz e perfaz quando se caminha. Esse sentido foi pouco a pouco se modificando até que no mundo moderno, em que impera a ciência em uma perspectiva objetivante, reduziu-se o sentido do termo à metodologia, ou seja, um caminho que deve ser traçado antes de qualquer caminhar.

Ao retroceder na ideia de pesquisar como observar, acompanhar e ver, pode-se constatar que há outras formas de se aproximar daquilo que se quer ver. Pode-se pensar em um ver de segunda mão, proposto pelas epistemologias da ciência, que diz respeito ao conhecer. Pode-se também querer ver em primeira mão, que se trata de um ver que não precisa de mediação, em que quando algo se mostra dá-se a ver e, portanto, a conhecer. Com a pesquisa qualitativa se pretende ver e informar o que vemos prescindindo da mediação numérica.

Este volume que estamos agora trazendo ao público traz como tema *A pesquisa Qualitativa em Psicologia clínica*. Se falar de pesquisa qualitativa, de um modo geral, traz certa dúvida e um questionamento agudo, pode-se imaginar que a coisa toma uma maior proporção quando se inclui a clínica psicológica. Ousamos mostrar que a psicologia clínica é uma área de estudo que traz em seu cerne um rigor e que a ação clínica pode ser colocada como tema de pesquisa em sua indissociabilidade com o social.

Os artigos que se encontram a seguir estão organizados de modo que o leitor possa acompanhar os elementos necessários para apreender a psicologia clínica em seus estudos e pesquisas. Para facilitar a leitura, dividiram-se os 12 artigos em blocos.

No primeiro bloco têm-se cinco artigos que se atêm aos elementos necessários quando se quer tomar a fenomenologia e suas variações hermenêuticas como método de pesquisa. O primeiro texto é um estudo de Alberto De Castro, professor da Universidad del Norte, Colômbia que nos mostra, de modo breve, porém esclarecedor, a fenomenologia como um modo de realizar pesquisas qualitativas no âmbito da psicologia com o artigo intitulado *Introduction to Giorgi's existential phenomenological research method*. Completamos este bloco com o segundo texto do número: estudo intitulado *Pesquisa qualitativa em psicologia clínica: uma possibilidade metodológica em diálogo com a fenomenologia hermenêutica* de Ellen Fernanda Gomes da Silva. A autora apresenta uma proposta metodológica para as pesquisas qualitativas em psicologia clínica, mostrando a importância daquilo que ela denomina questão-bússola e seus recursos metodológicos: entrevista narrativa e o diário de bordo. Ainda em uma perspectiva fenomenológica encontramos o terceiro texto, o estudo de Guilherme Messas e Livia Fukuda: *O diagnóstico psicopatológico fenomenológico da perspectiva dialético-essencialista*. Esses autores defendem uma proposta metodológica que se ajusta à realização de uma ciência psicopatologia fenomenológica dialético-essencialista, cujos conceitos fundamentais são essência, proporção dialética e estrutura. E, assim, fornecem subsídios para a compreensão da prática terapêutica e a produção da agenda de pesquisa científica. Melina Séfora Souza Rebouças e Elza Dutra escrevem o quarto texto do número: *A hermenêutica heideggeriana na pesquisa em clínica*, em que a hermenêutica heideggeriana mostra-se de grande importância para as pesquisas clínicas. Por fim, em *Hermenêutica existencial e pesquisa em psicologia clínica: caminhos possíveis*, Danielle de Fátima da Cunha Cavalcanti de Siqueira Leite e Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto apresentam o sétimo texto dessa edição: uma possibilidade compreensiva para discutir os resultados de pesquisa em Psicologia Clínica por meio da hermenêutica existencial de Heidegger e de Gadamer, atentando-se para ressonâncias desse pensamento para a prática e a pesquisa em Psicologia.

Em um segundo bloco, têm-se dois artigos em que as bases da pesquisa se realizam na medida em que mostram a fenomenologia aproximando-se da experiência. Maria

Aparecida Viggiani Bicudo e Débora Candido de Azevedo escrevem uma pesquisa, oitavo artigo, intitulada: *Um estudo fenomenológico sobre o filme “a pele que habito”*. Nessa oportunidade as autoras lançam a possibilidade de a luz da fenomenologia compreender a totalidade do corpo-vivente. Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo, Myriam Moreira Protasio e Guilherme da Silva Sant’Anna, no nono texto do número, intitulada *Desespero e sofrimento no discurso de pessoas que pensam em tirar a própria vida: uma análise existencial* buscam a experiência mesma daqueles que em situação clínica revelam expressões de sofrimento e desespero e concluíram que não há uma relação necessária entre sofrimento, desespero e indecisão acerca do suicídio.

Um terceiro bloco reúne três artigos em que o mote é a análise de conteúdo. Renata Patrícia Forain de Valentim no estudo, no quinto texto, *Psicologia discursiva e análise crítica do discurso: alinhando discurso e cultura na psicologia social contemporânea* expõe as formas de crítica que permitiram à Psicologia um distanciamento de um modelo naturalista, racionalista e universal e a consequente virada em direção às questões da linguagem em duas escolas: a psicologia discursiva e a análise crítica do discurso. Para mostrar na prática como a proposta anterior acontece, Isabella Pereira e Renata Patricia Forain de Valentim escreveram o décimo texto do número: *Análise das relações sociais através da literatura distópica*. As autoras concluem que os jovens apresentados nessa modalidade de literatura se identificam com as produções literárias e como estas representam o discurso produzido na sociedade em que estão inseridas as subjetividades destes jovens com o futuro e a realidade que os cerca, como eles se identificam com as produções literárias e como estas representam o discurso produzido na sociedade em que estão inseridos. Por fim, no décimo primeiro artigo, Ana Maria Rodrigues Franqueira e Andrea Seixas Magalhães, numa pesquisa intitulada *Compartilhando a dor: o papel das redes sociais no luto parental*, investigaram, por meio de 10 entrevistas, o papel das redes de apoio social no processo de luto parental por acidentes de trânsito.

No quarto e último bloco encontram-se dois artigos com bases psicanalíticas. No sexto texto da edição: *Pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais na universidade: potencialidade política na subversão dos discursos*, Omar David Moreno Cárdenas e Andréa Máris Campos Guerra exploram as consequências epistemológicas e políticas de se realizar pesquisa de fenômenos sociais com a psicanálise face à indissociabilidade de teoria, método e clínica. Em *Pesquisa e prática na formação universitária: reflexões*

sobre o estágio em clínica psicanalítica no serviço de psicologia aplicada, décimo segundo texto, Ingrid Vorsatz, Renata Dahwache Martins, Brenda Castro Gomes e Cynthia Silva dos Santos, no campo da clínica, tecem fortes argumentos a favor do binômio: pesquisa e clínica psicanalítica. As autoras concluem a pesquisa afirmando que a clínica se constitui como um campo de investigação em que teoria e prática são indissociáveis.

Chega-se ao final deste editorial, cabendo então ensaiar uma resposta a questão inicialmente proposta: "É possível chamar de pesquisa algo que se dá em uma ordem qualitativa?" Ao acompanhar os textos presentes neste número, podemos constatar que para além de outras modalidades de pesquisa, podemos optar pela realização de pesquisas qualitativas. Nesta modalidade o importante não se encontra no âmbito do cálculo que antecipa e se interessa por aquilo que posiciona a priori a metodologia. Pode-se ver acontecer nos textos apresentados que o *metà-hodós* é um caminho possível e mais originário de investigar os fenômenos. Sabe-se por um lado que ao investigar desse modo corre-se o risco de ser banido da academia e de qualquer possibilidade de conquistar o *status* de cientista. Por outro lado, ao agir do modo como propõem as ciências naturais, deixa-se de conquistar um espaço para outras possibilidades de investigação. Com isso a ciência perde a oportunidade de se aproximar da existência em seu incontornável mistério, justo aquilo que não se quer perder e por isso opta-se por defender e argumentar a favor da pesquisa qualitativa no âmbito da clínica psicológica seja ela de caráter restrito ou ampliado.

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo
Universidade do Estado do Rio de Janeiro